

FEIRA DO LIVRO: identificando relações com o incentivo à leitura nas Feiras do Livro de Florianópolis e de Porto Alegre

Marina Trindade Bitencourt Teixeira¹

Gleisy Regina Bories Fachin²

RESUMO

Este artigo relata a pesquisa sobre como as feiras do livro atuam no incentivo à leitura, especificamente em Florianópolis e Porto Alegre. As feiras do livro de rua se caracterizam por eventos comerciais, literários e culturais, com entrada gratuita, que promovem a venda de livros, mas também, envolvem outras atividades que buscam o incentivo e o gostar da leitura. Ocorrem, normalmente, em áreas centrais e com grande movimento de pessoas nas cidades e em espaços públicos. Objetivou-se averiguar, em mídias impressas e digitais, se há presença de ações sobre incentivo à leitura nos relatos e discursos sobre as feiras do livro das cidades de Florianópolis e de Porto Alegre. Em decorrência da pandemia mundial e do isolamento social enfrentado no presente ano – 2020, a pesquisa foi baseada na virtualidade, com acesso e resgates de registros de autores, falas de diversas personalidades e informações sobre o público que visitava as feiras; informações jornalísticas; os sítios das feiras, das prefeituras, das associações responsáveis, entre outros; optou-se pelo envio de questões às entidades organizadoras, visando melhor coleta de dados. Concluiu-se que as feiras têm papel fundamental na propagação, disseminação e divulgação de livros; ações de incentivo à leitura e democratização do acesso ao livro, além disso, por trazerem o livro para as praças e calçadões dos centros urbanos das cidades em que estão inseridas, tornando o acesso a eles consideravelmente mais fácil e popular.

Palavras-chave: Feira do livro de rua. Feira do livro – Florianópolis. Feira do livro – Porto Alegre. Incentivo à leitura. Leitura.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente o livro e o seu conteúdo eram propriedade de nobres, reis, eclesiásticos e pessoas que pertenciam a classes mais abastadas da sociedade, que o exibiam como símbolo de riqueza, assim como pratarias e metais preciosos.

¹ Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: marinatbitencourt@gmail.com.

² Profa. Dra. Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: gleisy.fachin@ufsc.br.

Na Idade Média, os manuscritos eram produzidos em pergaminhos, por monges copistas nos mosteiros que escreviam página por página, exigindo que se despendesse muito tempo para se finalizar cada exemplar.

Mesmo depois de prontos os livros ficavam trancados, o acesso à informação não era livre, ao contrário, era restrito a pessoas relacionadas à igreja e aos poucos nobres letrados. Havia na época uma cultura oral, semiletrada, sabe-se que a maioria da população era iletrada e por isso fazia uso da forma oral para comunicação e transmissão das ideias, “isso quer dizer que o aprendizado por meio do livro poderia depender da confiança inserida na palavra falada” (KAMA, 2016, p. 30).

No final do século XV, com a criação da prensa de tipos móveis por Gutenberg a produção de livros tornou-se mais rápida, o tempo é “reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica” (CHARTIER, 1998, p. 7) e menos custosa, conforme ainda explica o autor que, “através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta aliás, entre mil e mil e quinhentos exemplares”.

Já no século XVIII com a chegada do Iluminismo na França e na Europa o livro ganha um novo ânimo, “o conhecimento livre e universal pregado por esse movimento histórico vê no livro uma de suas principais formas de propagação” (KAMA, 2016, p. 39). Os livros se multiplicaram e a partir disto, o acesso a eles passa a ser algo cada vez mais comum a um maior número de pessoas.

Ao longo da evolução da humanidade ocorreram mudanças significativas no suporte que leva a informação. Segundo Pupo (2010), entre os diversos materiais que o homem já utilizou para registrar suas descobertas, estão as inscrições rupestres nas cavernas, as tábuas de argila, o papiro, o pergaminho e o papel que, “desde o século XII, tem sido um aliado seguro para a escrita” (PUPO, 2010, p. 1).

A partir da popularização da informática e do desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), a escrita já não depende só do papel para ser seu suporte, chegando nos suportes tecnológicos como o CDs, DVDs, pen-drives, livros digitais, entre outros (PUPO, 2010).

É percebido, que ocorreram mudanças significativas na disposição da informação, o que antes era apenas para nobres e membros do clero, trancado em mosteiros ou bibliotecas particulares, hoje, no século XXI, é de acesso livre, para as pessoas da sociedade, graças à existência de, além da Internet, dos diversos tipos de bibliotecas existentes, entre elas a biblioteca pública.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015), entre os anos de 1999 e 2014 a quantidade de bibliotecas públicas no país vem aumentando. No estudo “Perfil dos Estados e dos Municípios Brasileiros - Cultura 2014”, o IBGE define biblioteca pública como “Edifício ou recinto onde se instala uma coleção pública de livros, periódicos e documentos, organizada para estudo, leitura e consulta. É aberta à frequência do público em geral.”. (IBGE, 2015, p. 93).

Segundo o estudo, no ano de 1999, 76,3% dos municípios brasileiros tinham bibliotecas públicas, já no ano de 2014, o número subiu para 97,1% (IBGE, 2015). Porém, mesmo que na sociedade contemporânea tenha maior facilidade de acesso à informação e na última década, a maioria das cidades brasileiras possuam bibliotecas públicas abertas à comunidade com serviços gratuitos, muitas pessoas não utilizam bibliotecas, conforme estudos publicados na 5ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” realizada pelo Instituto Pró-Livro, no ano de 2019 (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019).

Segundo a pesquisa supracitada, entre as principais formas de acesso aos livros, às bibliotecas públicas aparecem em 7º lugar entre as opções citadas pelos entrevistados considerados leitores, sendo leitor por definição da pesquisa “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019, *on-line*) totalizando 4.270 entrevistados. Em números percentuais, 41% acessam livros por meio de compras em lojas físicas ou pela internet, 25% quando são presenteados, 18% emprestados por bibliotecas escolares e 7% acessam por meio de empréstimo em bibliotecas públicas ou comunitárias, ficando atrás do empréstimo por meio de familiares ou amigos, do *download* pela internet e da distribuição pelo governo (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019).

A pesquisa abrangeu, também, a frequência com que os entrevistados costumavam ir a bibliotecas. Da amostra total de 8.076 entrevistados, incluídos leitores e não leitores, 68% não frequenta bibliotecas, 27% às vezes ou raramente e apenas 4% frequentam sempre. Esta parcela da população não vai à biblioteca por diversos motivos, como não ter tempo, não gostar de ler, não gostar de ir a bibliotecas, achar que a biblioteca é para estudantes, não saber ler, entre outros (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019).

Diante dessa perspectiva e para aumentar o índice de leitura no país, ações vêm sendo implementadas em território nacional, como por exemplo, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que será melhor abordado no tópico “Incentivo à

leitura”. O documento reúne diretrizes e objetivos a serem seguidos por empresas privadas e pela administração pública. Entre os objetivos citados no PNLL está o de apoio a eventos de promoção e circulação do livro, como eventos literários e as feiras do livro – estas que são o foco desta pesquisa.

As Feiras do Livro são eventos literários e culturais, onde livrarias e editoras expõem suas obras e as colocam à venda por preços mais acessíveis. Tais feiras, no caso do presente estudo, trata-se de ‘feiras de rua’³, acontecem majoritariamente nos centros das cidades, em espaços públicos, abertos e de grande movimento de pessoas, como praças e largos e são de entrada 100% gratuita.

De acordo com os portais eletrônicos das feiras de Porto Alegre e Florianópolis, contam também, em suas programações, com sessões de autógrafos, mesas-redondas, bate-papos, oficinas, palestras e programações artísticas, entre outras atividades.

Percebeu-se, desta maneira, que a tradição e a importância destas feiras como evento cultural, como campo de atuação aos bibliotecários (temas estudados na graduação de Biblioteconomia, como o incentivo à leitura e suas atividades correlatas) justificam a escolha do tema para a presente pesquisa e se fundamenta, para esta pesquisadora, em três âmbitos: científico, social e pessoal.

A relevância científica se pauta na intenção de contribuir com um estudo a respeito da importância das Feiras do Livro, em especial as de rua, visto que há pouco material bibliográfico publicado e passível de ser recuperado virtualmente.

Já a relevância social se baseia no fato de que a feira do livro é um espaço de valorização da leitura, da descoberta, da troca de saberes e de cultura, promovido pelas prefeituras e/ou por entidades ligadas às ações sociais, em cada município. A parceria é fundamental entre os órgãos em razão da promoção e liberação de espaços físicos centrais.

A justificativa pessoal está alicerçada na presença da Feira do Livro em minha infância, na cidade de Porto Alegre. Sendo aluna de escola pública durante todo o período escolar (primeira série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio), tive facilidade em ter contato com os livros, graças à Feira do Livro que é

³ “Nas feiras promovidas em praças públicas, [...] o objetivo principal parece ser a venda de livros. Ali, como participantes e componentes da feira, também estão interessados na disseminação do livro e dos hábitos de leitura. Contudo, tendo em vista que grande parte dos expositores da feira também são donos de sebos e livrarias pequenas, seu objetivo principal acaba sendo a venda de livros que, no caso das feiras de rua, oferece um lucro mais rápido e direto do que aos livreiros [...]” (SALOMÃO; SALDANHA, 2018, p. 186)

realizada todos os anos no centro da cidade. Esta proximidade com o universo dos livros motivou, mais tarde, minha entrada no curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Santa Catarina e também a escolha do tema da pesquisa.

Diante desta perspectiva, surgiram vários questionamentos: que impacto as Feiras de rua do Livro tem? Qual o comportamento do leitor e/ou um potencial leitor da comunidade? Que atividades os organizadores preparam? Como executam essas ações? Diante disso, optou-se pela seguinte questão: *As Feiras do Livro atuam no incentivo à leitura, permitindo o acesso ao livro e à informação?*

Diante desta inquietação, buscou-se investigar os registros históricos das Feiras do Livro de Florianópolis e Porto Alegre, a fim de fazer um levantamento dos documentos existentes, mas, neste ano de 2020, previsto para a execução do presente projeto, em função da pandemia mundial do COVID-19, restou-nos pesquisar de forma virtual, tendo estabelecido como objetivo *averiguar, em mídias impressas e digitais, se há presença de ações sobre incentivo à leitura nos relatos e discursos sobre as feiras do livro das cidades de Florianópolis e de Porto Alegre.*

Para complementar, designou-se como objetivos específicos a) Relacionar letramento e leitura e as ações de incentivo à leitura; b) Publicitar o histórico das Feiras do Livro de Florianópolis e Porto Alegre; c) Identificar as ações presentes nas feiras de Porto Alegre e Florianópolis.

A próxima seção caracteriza o ato de ler, e as seções e subseções subsequentes apresentarão as feiras do livro nas cidades de Porto Alegre e Florianópolis, seus históricos, a coleta e análise de dados obtidos, relacionados às feiras.

2 ATOS DE LER

O ato da leitura tem um papel fundamental na sociedade e sua evolução. Desde o momento em que os seres humanos tornam-se alfabetizados, isto é, à medida que se aprende a ler e a escrever, abre-se um novo mundo à nossa frente. O que antes eram apenas conjuntos de símbolos e sinais em placas, panfletos, muros e outros lugares comuns por onde se circulasse, a partir do momento da alfabetização se tornam letras, palavras e informações.

Um relato comum entre pessoas, principalmente na infância, é o de que ao perceber que desenvolveu a habilidade de juntar as sílabas e decodificar a

mensagem, ler propriamente, passa a maioria do tempo fazendo isso, decifrando tudo que vê, em casa, na rua, no caminho, na viagem. Tudo é novidade, desde livros, revistas, embalagens, rótulos, placas, letreiros – tudo que tenha palavras estampadas que anteriormente eram um mistério.

Porém, não podemos desconsiderar os indivíduos que mesmo passando pelo processo de alfabetização não compreendem o que estão lendo, segundo Failla (2016, p. 29), apenas um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura e escrita, sendo considerados analfabetos funcionais e ainda:

[...] se um quarto da população brasileira não compreende o que lê, não vamos conseguir avançar na formação leitora [...] Quem não consegue compreender uma frase que lê está condenado a não aprender qualquer disciplina ou conteúdo. A esse analfabeto funcional não está sendo garantido o direito de ler e compreender um parágrafo, quanto mais um texto ou um livro.

Além disso, a leitura mecânica e o saber codificar e decodificar uma mensagem não é suficiente nas exigências da sociedade atual. A importância da leitura, de acordo com Freire (1988, p. 9)

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, [...] se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

É necessário interpretar o que se lê, interagir com as ideias e absorvê-las, para assim criar as suas próprias considerações, conforme explicita Rojo (2009, p. 44), que:

É preciso também compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. É preciso também interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto com seu contexto.

Nesse sentido, é necessário que o indivíduo passe por dois processos, a alfabetização e o letramento. Rojo (2009) explica, ainda, que o letramento difere da alfabetização pelo fato de que o ser alfabetizado sabe decodificar e codificar mensagens de uma determinada língua e o ser letrado, por sua vez, não apenas executa essas funções por meio da leitura e escrita, mas sim utiliza-as em seus âmbitos sociais – constrói novos conhecimentos.

Devido a essas circunstâncias, percebe-se a importância do letramento para a interação em sociedade e para o entendimento do significado das palavras em diferentes contextos e gêneros textuais. Martins (1984, p. 14) explicita essa relação quando afirma que “[...] dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo”.

Aliado a isso, percebe-se a importância da leitura na formação do ser letrado pois, se a alfabetização proporciona o contato inicial com as atividades de escrita e leitura, a leitura proporciona o aprimoramento dessa habilidade e conseqüentemente do letramento.

O leitor, ao desenvolver o exercício da leitura, começa a ter maior volume de informações e das mesmas informações gera suas opiniões, pontos de vista e interpretações, gerando base para o seu conhecimento, conforme já afirmava Barreto (2007, p. 27) de que:

A geração de conhecimento é uma reconstrução das estruturas mentais do indivíduo realizado através de sua competência cognitiva, ou seja, é uma modificação em seu estoque mental de saber acumulado, resultante de uma interação com uma forma de informação.

A interação com a informação por meio da leitura, quando estimulada, pode trazer diversos benefícios, como trazer conhecimento de dados e lugares que por outro meio não seria possível. É lendo que se aprende a ler, escrever e interpretar, é possível por meio da leitura desenvolver a imaginação, a criatividade, a sociabilidade, o senso crítico (PRADO, 1996).

Para formar mais leitores e levar a leitura para um número maior de pessoas é necessário incentivar práticas leitoras. Ao atuar diretamente nas escolas, instituições de maior compromisso com a formação de leitor e no período mais importante de se formar o gosto pela leitura (PRADO, 1996), junto aos pedagogos e bibliotecários, é possível atingir diretamente o público escolar e, principalmente o infantil nas séries iniciais em fase de alfabetização, conforme Paiva (2020, p. 33):

[...] na conjuntura atual é necessário que o indivíduo seja alfabetizado e letrado [...] As bibliotecas têm significativo papel a desempenhar na aquisição dessas habilidades, essencialmente a biblioteca escolar que participa da escolarização e início da fase educacional formal

Destaca-se a importância e a necessidade de atingir, também, o público adulto e jovem adulto, que já se encontram longe dos ambientes escolares e não frequentam bibliotecas escolares, públicas ou comunitárias.

A ausência de jovens adultos e adultos nas bibliotecas é influenciada por motivos como não ter tempo, não gostar de ler, não gostar de ir a bibliotecas, achar que a biblioteca é para estudantes e também por não saber ler (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019). Segundo o IBGE (2017) a taxa de analfabetismo no país no ano de 2017 se encontrava em sete por cento (7%), representando em números absolutos 11,5 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabem ler e escrever.

Políticas públicas abrangem todo o território nacional e podem ser utilizadas para o incentivo à leitura tanto para o público que já tem algum contato com a leitura, como para o público que é egresso do âmbito escolar e/ou já não vê a leitura em seu entorno, como por exemplo, o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL (BRASIL, 2014), instituído por meio da Portaria Interministerial Nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, pelos ministros da Cultura e da Educação e tendo a edição revisada e atualizada no ano de 2014. O plano é uma política voltada ao livro e à leitura e o papel destes no desenvolvimento social e se pauta na:

[...] necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável. (BRASIL, 2014, p. 3)

Por meio do documento, o governo e as empresas públicas e privadas podem nortear seus projetos e iniciativas de forma mais alinhada, com intuito de chegar em uma meta em comum: o incentivo e a promoção à leitura. Além disso, o PNLL se pauta em quatro eixos principais, sendo:

1. Democratização do acesso ao livro; 2. Formação de mediadores para o incentivo à leitura; 3. Valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; 4. Desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional. (BRASIL, 2014, p. 4)

Entre os objetivos estabelecidos no PNLL, a curto, médio e longo prazos estão o aumento do índice de leitura no Brasil; criação e manutenção de espaços, equipamentos e acervos de qualidade para os usuários em bibliotecas e espaços de leitura; formar mediadores de leitura, como professores e bibliotecários; realizar pesquisas que identifiquem práticas de leitura e criar prêmios de reconhecimento a projetos que estimulem leitura (BRASIL, 2014).

Ainda nos objetivos, o PNLL discorre sobre os lugares de vendas de livros, afirmando ser igualmente necessário incentivar a produção e circulação de obras. Aliado a isto, esse plano cita o fomento à criação e manutenção de livrarias no país, a exportação de livros, a utilização de cópias não restritivas que dão direito de fazer cópias, mantendo os direitos de autor, e por fim, o apoio a eventos de promoção e circulação de livros, como eventos literários e as feiras do livro, em especial as de rua, estas últimas são exploradas no tópico seguinte.

Por outro lado, tem-se as ações para incentivar a leitura que, além da criação de políticas públicas em nível nacional, é necessário que haja, diretamente nos espaços de leitura, como as bibliotecas, escolas, feiras do livro, entre outros, a realização de ações de incentivo à leitura, o exercício dessas atividades “[...] podem refletir em práticas culturais como ferramentas de desenvolvimento da cidadania e formação do leitor” (RASTELI, 2011, p. 46). Dentre as várias atividades que podem ser realizadas, o mesmo autor cita algumas destas práticas, a saber:

[...] hora do conto, roda de leitura, encontro com autores, feira de livros, oficinas de produção e leitura de textos, concursos literários, saraus, lançamentos de livros, instalações homenageando autores, criação de espaços para sugestões de leitura, fanzines e jornais impressos ou eletrônicos, clube do livro, exposição, dramatização de histórias (teatro), murais, cinema na biblioteca, palestras, jograis, encontro com cordelistas, etc.

Dentre as atividades de incentivo à leitura, podemos citar, também, a formação de mediadores de leitura, que compartilhem experiências e apliquem ferramentas sociais para a promoção da leitura (BRASIL, 2014). A mediação se entende por intervenção entre duas partes, por estar no meio (RASTELI, 2013), ou seja, o bibliotecário, enquanto mediador da leitura, irá criar pontes entre o leitor e a informação lida.

Ainda segundo Rasteli (2013, p. 31), o papel do bibliotecário como mediador da leitura é facilitar o aprendizado, ele intercala informação exterior com estímulos para os sujeitos interpretá-la e desenvolvê-la em seu contexto próprio e ainda, nesta atividade: “[...] o estímulo muda de significado, adquire um valor concreto, criando no indivíduo atitudes críticas e flexíveis”.

A mediação da leitura é o diálogo entre mediador, texto e leitor por meio da troca de saberes e experiências, ela visa construir sentidos e ao ouvir ou ler histórias, se cria um repertório próprio de pensamentos (CAVALCANTE; QUEIROZ; SOUSA, 2020). Esta ação é relevante para incentivar a leitura pois:

Quanto mais se incentiva o ato de ler, mais se contribui para a formação de uma sociedade leitora. Daí a importância do trabalho de mediadores e mediadoras para que as pessoas descubram na leitura o prazer de conhecer, descobrir e viajar no universo literário (CAVALCANTE; QUEIROZ; SOUSA, 2020, p. 22)

Pode-se destacar também, entre as ações de incentivo à leitura, a criação e manutenção de espaços de leitura, “salas de leitura, bibliotecas circulantes e pontos de leitura (ônibus, vans, táxis, peruas, trens, barcos, etc)” (BRASIL, 2014, p. 28).

Os serviços de biblioteca circulante ou itinerante, que ganham diversos nomes de acordo com seu formato, como visto acima, é um serviço de extensão, que de forma versátil leva o livro e os outros serviços de uma biblioteca ao encontro dos usuários que, por algum motivo, não vão à bibliotecas ou desejariam ir e estão longe delas (PEREIRA, 2010). As bibliotecas itinerantes podem ser encontradas, ligadas a várias entidades ou bibliotecas públicas:

[...] onde visam suprir uma parcela significativa da população com serviços de biblioteca itinerante que leva livros e serviços bibliotecários para leitores, longe dos grandes centros urbanos e/ou culturais. A biblioteca volante, além do empréstimo domiciliar e da pesquisa local, desenvolve outras atividades culturais, que servem para atrair usuários potenciais, que ao serem incentivados, passam a frequentar com regularidade conforme a programação de visitas às comunidades. (PEREIRA, 2010, p. 31)

Além destas bibliotecas, menciona-se entre as atividades de incentivo à leitura, a criação e manutenção de bibliotecas tradicionais, em espaços físicos fixos. Estas bibliotecas são importantes, pois, segundo Becker e Grosch (2008), as bibliotecas têm a função de estimular e coordenar a leitura e, ao possibilitar o acesso aos livros, assumem um papel essencial no incentivo à leitura, e “tamanho é a responsabilidade daqueles que a administram, pois pequenas ações dentro das bibliotecas podem constituir-se em eventos significativos na promoção da leitura” (BECKER; GROSCH, 2008, p. 36).

Outra ação de incentivo à leitura é a contação de histórias - atividade essa que, segundo Ramos (2011) se iniciou para transmissão oral de vivências, contadas para que se transmitisse na informalidade as situações pessoais passadas.

A narrativa oral de histórias é uma atividade milenar revestida de um poderoso valor simbólico. Remete ao gesto ancestral dos homens de outros períodos, que sentados à beira de uma fogueira, compartilhavam experiências, histórias, sentidos, quando ainda não existia livro [...] (RASTELI, 2011, p. 95)

Em meados do século XX, segundo Ramos (2011), o ato de contar histórias era reconhecido no campo pedagógico, deixando de ser uma atividade de apenas

transmitir informalmente as vivências próprias, mas que fosse feita a transmissão oral de história de outros autores – o uso de livros diversos sendo contados por outros.

Com a chamada “hora do conto”, surge o exercício da contação com o intuito de desenvolver o gosto pela leitura e hoje – em tempos de 2020, os contadores devem se adaptar às diferentes situações ao apresentar em sua performance, de forma oral, o texto escrito (RAMOS, 2011).

Quem realiza a atividade de contação deve, ao passar para oralidade, usar além da sua voz, seu corpo e olhar, aos “[...] contadores de histórias hoje é exigido o domínio de outras técnicas para que possam (re)contar as histórias narradas por outros [...]” (RAMOS, 2011, p. 31) e ainda:

A performance do contador, entendida enquanto fator constitutivo da sua prática, é crucial para a eficácia da transmissão do conto, portanto é um aspecto importante a ser levado em conta quando de sua narrativa (RAMOS, 2011, p. 36)

Além da performance, é preciso que o contador conheça o seu público, a fim de escolher o texto adequado, saber o que conta e para quem contar.

Uma leitura mais aprofundada do texto durante a preparação do contador permite-lhes uma visão mais detalhada das entrelinhas e um envolvimento maior com a escritura, podendo assim realizar de maneira mais produtiva sua narração (RAMOS, 2011, p. 37)

Pode-se fazer também a interação das ideias passadas pela leitura por meio das rodas de leitura e/ou clubes de leitura. No caso da atuação do bibliotecário, segundo Bortolin (2010, p. 138), ele “[...] precisa abrir espaço para o lido ser discutido, oportunidade em que o leitor poderá trocar ideias, discutir personagens, refletir a produção literária, estilos, gêneros, criando uma rede em torno da Literatura”.

As rodas de leitura são feitas com a distribuição de um material de leitura entre leitores, cada um destes lê em voz alta uma parte da obra e após isso, levanta-se pontos relevantes no texto, é uma prática comum nos ambientes escolares (RASTELI, 2011).

Por sua vez, os clubes do livro ou de leitura são reuniões com intuito de fazer discussões relacionadas a uma obra previamente lida e tem objetivo de “[...] formar leitores e mediadores de leitura, a partir da criação de pontos de compartilhamento de experiências de leitura, como forma de incentivar o desenvolvimento do gosto pelo ato de ler” (CONCEIÇÃO, 2019, p. 109).

Criação literária e/ou concursos literários podem explorar diversos gêneros textuais ou serem focados em algum tema e/ou gênero específico. Como produto final os escritores podem ter suas obras publicadas em jornais, *blogs* ou livros impressos (RASTELI, 2011).

Performances poéticas e declamação de poemas, segundo Espeiorin (2010), podem incentivar a leitura, principalmente ao público infantil, que se sentem atraídos pela ludicidade do gênero textual e se encantam com o ritmo, a musicalidade e o jogo de palavras presente na poesia, e ainda:

O mundo da criança é um espaço único, de imaginação, e, portanto, intensamente criativo e polissêmico. É um mundo que combina com a linguagem poética e que, para o adulto, em função da vivência, pode estar sobrevivendo apenas na lembrança (ESPEIORIN, 2010, p. 35)

No caso das peças teatrais, “[...] a utilização da dramaturgia reforça e renova o prazer pela leitura, o texto teatral instiga a curiosidade, mantém a tensão e a expectativa, estimulando a imaginação nas ações num palco imaginário” (RASTELI, 2011, p. 101).

Outro modo de incentivo podem ser os saraus – que tratam de reunião de pessoas, voltada para as expressões artísticas ligadas à escrita ou não e tem caráter lúdico e descontraído (BARRETO, 2010). As atividades ressignificam o modo de acesso à leitura, promovendo o contato com livros, músicas, pinturas e demais artes, como as “[...] danças temáticas, recitação de poemas, leitura de livros, músicas acústicas, teatro e exposição e leitura de telas” (BARRETO, 2010, p. 97).

No ambiente das bibliotecas é possível existir, também, as mostras de livros, e podem destacar diversas obras ao mesmo tempo agrupando-as em estantes, mesas ou bancadas, utilizando-se de um critério para seleção que interligue todas elas, porém, “[...] de forma geral, se expõem as últimas aquisições, mostrando que aquele aparelho informacional é um organismo vivo e, não somente um depósito de livros” (RASTELI, 2011, p. 98).

Cabe destacar que, ações de incentivo à leitura são muitas e diversificadas, tudo depende de cada público, de cada lugar, de cada recurso e, mais ainda, das ações pessoais dos envolvidos e interessados, seja em bibliotecas, escolas, prefeituras, enfim, qualquer instituição promotora. Além das supracitadas, encontram-se, ainda, por exemplo: encontro com autores; reconhecimento e premiação de experiências inovadoras na promoção da leitura e da literatura; fomento à publicação e comercialização de livros e fomento à produção e a

distribuição de publicações de circulação gratuita, em diferentes suportes (BRASIL, 2014).

Nas seções seguintes apresentam-se as feiras do livro das cidades de Florianópolis e Porto Alegre, traçando por fim, as relações entre as ações de incentivo à leitura expostas aqui e os eventos encontrados e identificados na pesquisa.

3 FEIRAS DO LIVRO

Segundo Souza e Euzébio (2009), a criação das feiras do livro se cruza com a criação do livro impresso. No século XV, com as novas tecnologias para produção de livros, como a prensa de Gutenberg, mais volumes são impressos em menos tempo e os livros se multiplicam mais rápido.

Assim, os editores e impressores de livros perceberam que precisariam de uma nova tática para vendê-los e surgem os representantes, que passam a viajar e circular por diferentes cidades, com intuito de oferecer livros para potenciais compradores (SOUZA; EUZÉBIO, 2009).

Muniz Junior e Szpilbarg (2016) explicam que as feiras do livro na Europa eram vinculadas a grandes feiras comerciais, inclusive uma das feiras que se destacava pela importância é a Feira do Livro de Frankfurt (em alemão Frankfurter Buchmesse), iniciada em torno de 1478 e se mantém em tempos atuais, sempre no mês de outubro. Ainda segundo os autores, no século XVII, a Feira do Livro de Frankfurt se desvinculou da feira comercial e se torna a principal feira da Europa.

De acordo com Souza e Euzébio (2009), as feiras do livro do Brasil são criadas inspiradas em feiras da França, Alemanha e Itália. A primeira é a Feira Popular do Livro, na Praça da República, na cidade de São Paulo, iniciada no ano de 1951. Com esse exemplo, esse modelo de feiras se estende por todo o país.

Nos dias de hoje, 2020, as feiras ainda continuam a existir em diversas cidades brasileiras e são eventos não só voltados para o mercado de livros, onde livrarias, editoras e livreiros expõem suas obras com descontos, mas também artísticas e culturais.

Em suas programações, as feiras recebem autores de diversos gêneros literários para sessões de autógrafos, bate-papos, palestras e promovem também atividades educativas, de entretenimento, artísticas e culturais, onde o público em geral, adultos e crianças, pessoas de todas as classes sociais e etnias podem

desfrutar de forma gratuita de seus espaços, é o caso das feiras de Florianópolis e Porto Alegre, contextualizadas a seguir.

3.1 Feira do Livro de Porto Alegre

Iniciando costumeiramente no fim do mês de outubro, com duração até a metade do mês de novembro, a Feira do Livro transforma a paisagem do local em que é realizada, a Praça da Alfândega, no centro histórico de Porto Alegre. A Praça ganha cobertura e barracas, estas cobrem os livros que serão comercializados entre o público frequentador de um dos eventos de maior importância cultural da metrópole gaúcha (FERRAZ; CAVEDON, 2007).

A Feira do Livro de Porto Alegre teve seu início no ano de 1955. Do ano da sua criação até o ano de 1962, a feira era organizada pela Câmara Brasileira do Livro - Seção RS. A Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL) surgiu em 1963 e, até hoje em dia (2020) é a responsável pela Feira do Livro. Apesar de ter a mesma estrutura e funcionários que a Câmara Brasileira do Livro - Seção RS, se tratava de um órgão novo e totalmente independente (ORTIZ, 2000 *apud* FERRAZ, 2006).

A CRL tem por finalidade “unir todos os que trabalham pelo livro, promovendo sua defesa e seu fomento, a difusão do gosto pela leitura, a formação de novos leitores e o desenvolvimento da economia livreira” (BRASIL, 2014, *on-line*), e organiza a Feira do Livro com a cooperação dos poderes públicos, dos meios de comunicação e da iniciativa privada.

Ao consolidar-se como organizadora da Feira do Livro de Porto Alegre, a CRL tornou-se referência estadual pelos resultados positivos no evento, devido a isto ela “atende a demandas das Secretarias de Educação e de Cultura das cidades de todo o estado do Rio Grande do Sul que desejam ter suas próprias feiras de livros” (FERRAZ, 2006, p. 21).

Sobre o local em que acontece, a Praça da Alfândega, palco da feira desde a sua primeira edição, fica no centro histórico da capital gaúcha. Segundo Ferraz e Cavedon (2007), a Praça da Alfândega, em meados dos anos de 1950, era um local que reunia a sociedade considerada intelectualizada da cidade, nela os porto-alegrenses tomavam cafés, passeavam ou iam às sessões do cinema de rua, o Cine Guarani.

Por causa da localização e do seu contexto de ser um local de socialização dos habitantes da cidade, a decisão de colocar a Feira na Praça da Alfândega, foi acertada, conforme explicam Ferraz e Cavedon (2007, p. 9), que:

à medida que a Praça [...] recebeu a Feira e, conforme, essa foi adquirindo significado para os porto-alegrenses, ajudou a consolidar o espaço como reduto cultural da cidade, tanto que atualmente, os participantes do evento não imaginam uma sem a outra.

Com o tempo e o aumento do número de barracas de venda dos livros, houve a necessidade de expandir o espaço da Feira. Na sua 50ª edição, surgiu a ideia de que se bloqueasse o trânsito de carros e a feira continuasse em ruas próximas à Praça, porém, segundo Ferraz e Cavedon (2007), a ideia foi rechaçada e os associados preferiram a expansão em direção ao Cais do Porto, fazendo com que desse modo, a Feira aconteça na Praça e no Cais.

A escolha em prol do Cais retrata a relação dos habitantes de Porto Alegre com o Rio Guaíba, conforme Ferraz e Cavedon (2007, p. 11) explicitam:

[...] a Praça possui um vínculo de origem com o Rio, tendo em vista que ela nasceu a partir das relações comerciais e de socialização que ocorriam as suas margens, entretanto, na busca pela modernização da cidade, ambos, Rio e Praça, foram separados pelos aterros [...] Em virtude disso, a cidade devia a si o reencontro entre esses dois locais que foram o berço de criação de Porto Alegre. Para saldar essa dívida, a Feira expande suas atividades até o Cais do Porto e, portanto, une simbolicamente um local ao outro, de modo que esse ritual estaria devolvendo aos porto-alegrenses, o Guaíba, seu porto e seu Cais.

Entre seus idealizadores estavam editores gaúchos, sendo o mais lembrado e considerado por muitos o criador da feira: o jornalista e editor chefe do Jornal Diário de Notícias, Say Rodrigues Marques (GALVANI, 2004).

Resgata-se, nos estudos de Galvani (2004) e Fischer (2004) que o jornalista Say Rodrigues, após conhecer a Feira do Livro do Rio de Janeiro, na Cinelândia, centro da capital carioca, ficou entusiasmado com o que viu: “[...] gente comum chegando perto de livros expostos à venda em praça pública” (FISCHER, 2004, p. 10) e publicou posteriormente no Jornal Diário de Notícias uma manchete com o título: “A Praça da Alfândega converter-se-á em uma autêntica biblioteca a céu aberto.” (GALVANI, 2004, p. 15), razão pela qual se credita a ele a ideia de criação da Feira do Livro em Porto Alegre.

A finalidade da Feira para os idealizadores em relação ao livro era democratizá-lo, torná-lo popular e aproximar a população da leitura, além de

movimentar o mercado editorial com descontos que tornassem a venda mais atraente (SULZBACH, 2012).

Ao longo dos anos a Feira toma proporções além das imaginadas pelos organizadores, sendo considerada como o maior evento do gênero realizado a céu aberto nas Américas (SULZBACH, 2012). Demonstrando a sua importância, a Feira recebeu, no ano de 2006, a Medalha do Mérito Cultural concedida pela Presidência da República; já em 2010, foi reconhecida como Patrimônio Imaterial, pela Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre (SULZBACH, 2012).

Desde então, todos os anos, são montadas barracas no centro de Porto Alegre, ainda na Praça da Alfândega, com o intuito de movimentar o mercado livreiro e democratizar o acesso do público aos livros. Neste ano de 2020, estamos na 66ª edição da Feira, ela acontece de 30 de outubro a 15 de novembro de forma virtual por conta da pandemia mundial do COVID-19 e, segundo o portal eletrônico do sítio da Feira (<https://feiradolivro-poa.com.br/>), tem como slogan “As janelas do mundo abertas para a Praça” (PORTO ALEGRE, 2020, *on-line*).

Segundo o portal, a 66ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre realizará “Todos os seus eventos com transmissão *on-line* e gratuita, mantendo o caráter popular que a caracteriza.” e, ainda, “Num ano de incertezas, a aliança com o digital possibilita novos diálogos e novos modelos para o comércio de livros.” (PORTO ALEGRE, 2020, *on-line*).

Percebe-se assim que, além de ser historicamente forte como um evento tradicional da capital gaúcha, a Feira busca novas ferramentas para continuar ocupando o espaço que conquistou.

3.2 Feira do Livro de Florianópolis

No Estado de Santa Catarina há diversas feiras de livros que surgiram por iniciativa da Câmara Catarinense do Livro (CCL), realizadas em cidades como Lages, Joaçaba, Brusque, Timbó, Criciúma, Tubarão, Palhoça, Biguaçu, São José e Florianópolis (SOUZA; EUZÉBIO, 2009).

A Feira do Livro de Florianópolis, até a sua 33ª edição, foi promovida pela Prefeitura de Florianópolis e a CCL que, segundo o portal eletrônico da Feira (<https://floripafeiradolivro.blogspot.com/>), é uma entidade sem fins lucrativos, criada com o objetivo de unir as entidades literárias e os livreiros de Santa Catarina e promover e divulgar as obras dos autores catarinenses (FLORIANÓPOLIS, [201-]).

A CCL surgiu em 1970 como ACEL - Associação Catarinense de Editores e Livradores e tinha como principal objetivo “a realização de uma grandiosa feira em praça pública que estimulasse o hábito da leitura entre as diferentes classes sociais” (SOUZA; EUZÉBIO, 2009, p. 65), porém, foi somente em 1986 que se realizou a primeira edição da Feira do Livro de Florianópolis que, segundo os mesmos autores, teve como “[...] objetivo de aproximar o livro e o escritor do público”.

Entre as ações realizadas pela CCL está a criação da Feira Catarinense do Livro na cidade de Florianópolis, iniciada em 2002, atualmente na sua 12ª edição e a Feira do Livro de Florianópolis, que têm 34 edições consecutivas, tendo a última edição promovida pela Prefeitura de Florianópolis e o Instituto Ousar⁴ e que será objeto desta pesquisa (FLORIANÓPOLIS, [201-]).

A Feira do Livro de Florianópolis surgiu em 1986, tendo a maioria das edições realizadas no centro histórico de Florianópolis, no Largo da Alfândega (MOURA, 2006), com acesso gratuito às suas instalações (SOUZA; EUZÉBIO, 2009). Sua última edição, no ano de 2019, aconteceu no calçadão da avenida Paulo Fontes, em frente ao Terminal de Integração do Centro (Ticen) no centro da capital, local de intenso movimento de pessoas.

Segundo Souza e Euzébio (2009), além da comercialização de livros, há espaço para escritores, escolas e artistas que queiram expor sua arte, a fim de que a cultura catarinense seja valorizada e apreciada, deste modo:

[...] teatro, música, dança, teatro de bonecos, contação de histórias, declamação de poesia, manifestações culturais, exposições e o tudo que sua criatividade conseguir produzir tem espaço garantido na Feira de Rua do Livro de Florianópolis (SOUZA; EUZÉBIO, 2009, p. 65)

Segundo o portal eletrônico da feira, incentiva-se o trabalho ou hobby, de autores independentes que podem usar o *stand* dos escritores para realizar lançamentos, sessões de autógrafos, apresentações, bate-papos e oficinas (FLORIANÓPOLIS, [201-]).

Durante a realização da Feira, são realizados programas de incentivo à leitura, como espaço para estimular o imaginário das crianças (SOUZA; EUZÉBIO, 2009). Dentre as atividades desenvolvidas na feira, Souza e Euzébio (2009) citam,

⁴Sobre o Instituto Ousar (<http://institutoousar.com.br/>), que é creditado pela realização do evento, foi encontrado em pesquisa realizada na *web* ligações entre o Instituto e a disponibilização por ele de cursos relacionados à temática “educação no trânsito” e não foram encontradas maiores informações sobre a sua área de atuação ou instituições das quais o mesmo é vinculado.

por exemplo, apresentações, projeções de filmes, contação de histórias, oficinas literárias e de artes, confecção de fantoches, concurso de textos e o contato com autores, estas serão expostas com maiores detalhes na seção a seguir.

No ano presente, 2020, devido à pandemia mundial do COVID-19, não houve movimentações para realização da feira de forma *on-line* ou presencial e os portais eletrônicos pertencentes à feira, página no Facebook e Blog, não foram atualizados com assuntos referentes ao acontecimento da Feira do Livro.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente, a presente pesquisa baseou-se na virtualidade, com acesso e resgates de registros de autores, falas de diversas personalidades e informações sobre o público que visitava as feiras; informações jornalísticas; os sítios das feiras, das prefeituras, das associações responsáveis, entre outros. Cabe relatar que a situação da pandemia mundial a COVID-19 dificultou a pesquisa e, visando uma coleta mais direcionada, optou-se em enviar às duas instituições que coordenam as feiras, um questionário (Apêndice A), para melhor questionar as mesmas.

A pesquisa, conforme Gil (2010), é do tipo exploratória e descritiva, porque serve para descrever as características de determinadas populações ou fenômenos e ainda têm por objetivo estudar as características de um grupo, visando descobrir associações entre variáveis. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, é uma pesquisa bibliográfica, pois a fundamentação teórica deste trabalho é elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos e materiais publicados na Internet. Quanto à abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa pois irá considerar a interpretação de fenômenos e atribuição de significados (GIL, 2010), encontrados, de forma eletrônica.

A fundamentação da pesquisa foi feita recuperando artigos, teses, dissertações e livros, por meio do acesso livre. Delimitou-se o período de duas décadas, 2000 e 2010, no idioma Português. Foram utilizadas como fonte de pesquisa, as bases de dados, como BRAPCI, Scielo, BDTD, Lume UFRGS, Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico, entre outros.

O período de pesquisa para a identificação de informações sobre as respectivas feiras foi entre agosto e novembro de 2020. E a maior dificuldade foi com relação à Feira de Livros de Florianópolis e o contato com seus organizadores.

As tentativas de contato foram realizadas com o Instituto Ousar e com órgãos da Prefeitura de Florianópolis, como a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude, a Casa da Memória e a Fundação Franklin Cascaes. Nenhum dos órgãos respondeu positivamente às solicitações de informações via telefone e via e-mail. Diante disso não foi possível colher informações mais precisas, como também não foi possível realizar o questionário pretendido com os organizadores, ficando a pesquisa limitada às poucas fontes de informação encontradas.

O site dedicado à Feira do Livro de Florianópolis (<http://institutoousar.com.br/>), foi uma das fontes utilizadas para colher informações sobre os organizadores. O *flyer* na Figura 1 credita o Instituto Ousar pela realização do evento, porém, não foram encontradas informações mais precisas sobre o campo de atuação e as atividades que realiza na feira por este instituto e foram encontradas em pesquisa na *web* apenas ligações do instituto com cursos da temática “educação no trânsito”.

Figura 1 - *Flyer* da 34ª edição da Feira do Livro de Florianópolis



Fonte: Instituto Ousar (2019)

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS AÇÕES REALIZADAS NAS FEIRAS DO LIVRO NAS CIDADES DE FLORIANÓPOLIS E PORTO ALEGRE

Esta seção é destinada a análise e discussão dos dados obtidos por meio do levantamento de artigos, trabalhos apresentados em eventos, teses, dissertações referentes às feiras do livro das cidades de Porto Alegre e Florianópolis e documentos oficiais da Câmara Rio-Grandense do Livro, órgão responsável pela Feira do Livro de Porto Alegre. A pesquisa feita virtualmente a essas publicações fez o resgate de registros de autores, falas de diversas personalidades e

informações sobre o público que as visitava, com intuito de relacionar atividades de incentivo à leitura praticadas nas feiras. Bem como, identificar como as pessoas que visitam a feira enxergam a leitura, o ambiente da feira do livro em relação ao ato de ler e o acolhimento aos leitores e potenciais leitores.

Diante da premissa das feiras do livro serem ambientes mais ‘acolhedores e convidativos’ que bibliotecas ou livrarias, por estarem em ambientes comuns, que são caminhos para os compromissos rotineiros de quem passa por ali, o primeiro levantamento feito por esta pesquisadora foi o de falas que relacionassem a ida do público na feira e o acesso democrático a ela.

Souza e Euzébio (2009, p. 65, grifo nosso) afirmam que a ACEL - Associação Catarinense de Livreiros e Editores, antecessora da Câmara Catarinense do Livro como organizadora da Feira do Livro de Florianópolis, foi criada com o objetivo de que se realizasse uma “[...] grandiosa feira em **praça pública** que estimulasse o hábito da leitura entre as **diferentes classes sociais**”. Já em Porto Alegre, segundo Ferraz e Cavedon (2007, p. 6, grifo nosso), o objetivo para a criação da 1º edição da tradicional feira do livro na capital gaúcha “[...] era **democratizar** o acesso deste objeto (o livro), tendo em vista que os locais onde ocorriam à comercialização dos mesmos eram vistos pela população como **redutos elitizados**”.

O destaque ao hábito da leitura já está presente na fundação da feira do livro de Porto Alegre, tratado no estatuto da Câmara Rio-Grandense do Livro (CRL), sua organizadora. O estatuto é o documento que estabelece as normas de organização e funcionamento do órgão. No artigo 1º, que trata da finalidade, vê-se:

A Câmara Rio-Grandense do Livro [...] tem por finalidade unir todos os que trabalham pelo livro, promovendo sua defesa e seu fomento, **a difusão do gosto pela leitura, a formação de novos leitores** e o desenvolvimento da economia livreira, contribuindo, assim, para o aperfeiçoamento da cultura. (BRASIL, 2014, grifo nosso)

No artigo 42, que trata das exposições e das feiras de livro a ideia é reforçada, quando se afirma que:

A Câmara Rio-Grandense do Livro, com a finalidade de congregar livreiros, editores, distribuidores, creditistas e comunidade, em campanhas que visem à **intensificação da difusão e propaganda do livro e da leitura**, organizará, dentre outras, a Feira do Livro de Porto Alegre, com a cooperação dos poderes públicos, dos meios de comunicação e da iniciativa privada. (BRASIL, 2014, grifo nosso)

Nesse contexto, percebeu-se que as duas feiras do livro, de Porto Alegre e de Florianópolis, levantando a bandeira do acesso democrático à feira, à leitura e aos livros, para todos os tipos de pessoas, sem restrições. Ferraz e Cavedon (2007) explicam que ao criar a primeira Feira do Livro de Porto Alegre, na Praça da Alfândega localizada no centro da cidade, os idealizadores estipularam não apenas um espaço, mas um espaço dotado de significado para a coletividade, portanto, “[...] buscaram **democratizar o acesso ao livro**, procurando não levá-lo para locais onde a ele não seria atribuído significado” (FERRAZ; CAVEDON, 2007, p. 9, grifo nosso).

Diante desta perspectiva da coletividade, formada pelos visitantes da feira de Porto Alegre, Ferraz e Cavedon (2007) entrevistaram alguns destes visitantes, a fim de entender como o público vislumbra o fato da praça, um local público, receber a feira do livro.

Entre as opiniões descritas pelos autores, um dos entrevistados, que diz que a feira “[...] não pode sair da praça, porque as pessoas em **ambientes fechados tentam assumir convenções que não tem na praça**. Então o pessoal vem de bermuda, chinelo de dedo, camiseta e, eu acho que tudo isto é charme e vigor da feira.” (FERRAZ; CAVEDON, 2007, p. 9, grifo nosso).

Percebe-se a questão da informalidade e do confortável na fala do entrevistado, conforme apontam também Ferraz e Cavedon (2007, p. 10, grifo nosso), que:

[...] o fato de ser uma praça permite aos visitantes a sensação de que é possível ir à Feira como quem vai a uma caminhada de fim-de-semana, ou seja, despido das roupas diárias de trabalho, rompendo com o cotidiano, e usando veste que remete ao descanso, por sua confortabilidade. Assim, a Feira **torna-se uma festa que não exige traje de gala e, por isso, acessível a todos**.

Sulzbach (2012, p. 50) também realizou pesquisa sobre a feira de Porto Alegre e, relata que um dos entrevistados tem uma opinião positiva sobre o formato em que a feira é apresentada, e afirmou que:

[...] só o fato de estar na praça no Centro de Porto Alegre, na praça ao céu aberto faz com que as pessoas que estão circulando que não têm a mínima ideia, às vezes, de que estão dentro de uma feira e passa por ali e vê livros e vai ver.

Nota-se também, na fala de um dos entrevistados por Ferraz e Cavedon (2009, p. 9, grifo nosso), como aos olhos do público a questão da entrada ser gratuita é valorizada, quando um destes afirma que “É muito bonito [...] poder passar

pela praça, pode nem comprar nada, mas poder **passar pelo livro e ver sem precisar pagar nada para entrar**. E os livros estão ali”.

Outra fala, nas entrevistas das autoras supracitadas, cita a questão de a praça aproximar o livro de quem não frequenta ambientes de compra ou empréstimo de obras:

[...] esta coisa assim, o livro tá na Praça, da pessoa comum passar por aqui, aquela que não frequenta uma biblioteca, que não frequenta uma livraria, é um momento dela tá junto com o livro. Eu acho que isto é que é o mágico da Feira do Livro de Porto Alegre. (FERRAZ; CAVEDON, 2007, p. 10)

Ainda, Ferraz e Cavedon (2007) reafirmam o fato de que ao ser realizada em um espaço público, de forma gratuita, se reforça a sensação de pertencer a todos, de que está permitido a qualquer pessoa ter contato com o livro, circular na praça e proporcionar a quem não frequenta outro ambiente de livros, contato com este “[...] mesmo sem condições financeiras para efetuar uma compra, corroborando assim a intenção primeira da Feira, ou seja, aproximar o livro de quem não entra em uma livraria” (FERRAZ; CAVEDON, 2007, p. 10).

Ainda na questão da Praça da Alfândega ser um espaço atribuído de significado, marcado na mentalidade de quem a frequenta como um espaço público e gratuito, Galvani (2004, *apud* SULZBACH, 2012) fez o levantamento de diversos *slogans* que a feira teve ao longo dos anos, dentre estes, destacam-se os que podem ter reforçado as ideias citadas acima e o ano em que foram lançados, sendo: “Visite a Feira do Livro na nova Praça da Alfândega” (1979); “A cidade vai a Feira” (1980); “Zona Franca de Cultura” (1982); “Na Praça da Alfândega. Um espetáculo de cultura!” (1983); “Os contadores de história estão na praça” (1985); “Shopping cultural da Praça da Alfândega” (1997); “O mundo na praça” (1998).

Percebe-se a relação do espaço físico da feira e da sensação de que mais que um convite, os *slogans* fazem uma convocação, podendo atingir até mesmo o público não leitor, como afirmam Ferraz e Cavedon (2007, p. 9): “[...] o público não leitor, por sua vez, vem à praça porque a mesma é um palco e por vocação um espaço convocatório. Onde podem acontecer coisas [...] agregar pessoas”.

Apesar destes diversos relatos corroborarem para a ideia de que a feira é para todos, encontram-se relatos de que alguns ocupantes da praça são indesejados no ambiente durante a montagem da feira. Ferraz e Cavedon (2007) citam que, entre essas pessoas estão: os artesãos, engraxates, vendedores

ambulantes, prostitutas e crianças em situação de rua têm a sua retirada da praça, vista como algo natural pelo Xerife da Feira.

O Xerife da Feira é uma figura tradicional e já considerada folclórica, ele é responsável por, diariamente, todas as manhãs, tocar a sineta que marca o horário de abertura da feira e fazer o encerramento desta, além disso, tem a função de resolver questões relacionadas à infra-estrutura (FERRAZ, 2006). Na questão da retirada das pessoas do local, Segundo Ferraz e Cavedon (2007, p. 13):

[...] a Feira foi elaborando suas estratégias para retirar cada um dos ocupantes da Praça. Os engraxates são os únicos que não sofrem grandes mudanças no seu cotidiano de trabalho, pois os mesmos estão alocados nas alamedas extremas do lado norte e sul da Praça, estas não são ocupadas pelo evento, todavia, os artesãos, os meninos e meninas de rua e as prostitutas veem o local onde laboram ser transformado em reduto do livro e, por isso, aqueles são convidados a se retirarem da Praça enquanto a mesma está sendo organizada para a realização do evento.

As autoras explicam que, após o início da feira, estes indivíduos podem voltar como visitantes, desde que se comportem como tal (FERRAZ; CAVEDON, 2007). No caso dos artesãos que são transferidos para as margens da feira, em entrevistas realizadas por Ferraz e Cavedon (2007), viam a feira como algo benéfico por aumentar o número de pessoas circulando pelo centro, mesmo tendo que ceder o espaço, que ao longo do ano é seu local de trabalho, para os livreiros.

No caso das crianças em situação de rua, Ferraz e Cavedon (2007, p. 14) afirmam que há a existência de um projeto pedagógico, o Asteróide:

No Asteróide, os meninos e meninas de rua têm um espaço para desenharem, desenvolverem atividades pedagógicas, sempre sob o acompanhamento de monitores, ganham lanches, tomam banho e cortam o cabelo.

As crianças em situação de rua não são obrigadas a participarem do projeto, mas se participarem, elas têm acesso livre à feira e as suas atividades e somente serão convidados a se retirarem, se estiverem perturbando (FERRAZ; CAVEDON, 2007). Este projeto foi nomeado pelas próprias crianças, em sua estreia na feira, e trouxe benefícios, segundo informações colhidas em entrevistas por Ferraz e Cavedon (2007), por reduzir os registros de furtos e de vandalismos realizados anteriormente ao projeto, por estes meninos e meninas. Ainda sobre o projeto, as autoras destacam que:

O nome do Projeto já indica que a oportunidade de ser socialmente aceito e reconhecido como criança é passageira e, ao término da Feira, elas estão novamente perambulando pelo centro da cidade esperando pela passagem do próximo Asteróide, sendo que isso só ocorre uma vez ao ano, na época do evento. (FERRAZ; CAVEDON, 2007, p. 14)

Percebe-se que a feira procura diferentes soluções para cada um dos agentes que estão envolvidos na praça e que impactarão na montagem da feira e na visão que os frequentadores terão dela, hora escondendo, hora divulgando e “[...] isso vai depender do quanto à sociedade acha moral as atividades de cada uma das categorias” (FERRAZ; CAVEDON, 2007, p. 14), e ainda:

Enquanto lócus por onde transitam as famílias porto-alegrenses de todas as camadas sociais, há que se manter ocultos ou travestidos determinados atores que nos dias de não Feira circulam pela Praça, tais como os meninos e meninas de rua (FERRAZ; CAVEDON, 2007, p. 15)

Além das questões de espaço físico, a praça e o acolhimento ou não do público na feira, esta pesquisa abordou a forma que as feiras tratam o incentivo à leitura, se este é citado e que ações de incentivo foram realizadas em edições passadas.

Percebe-se que, apesar de, em seu cerne ser um evento de comercialização de livros, há preocupação no cunho cultural, na propagação da leitura. A CRL também reafirma, em seu portal eletrônico, o fato de ser um evento democrático, ideia presente em diversas falas durante esta revisão de literatura: “(A feira) é referência no Brasil pelo **caráter democrático** e pela consistência do trabalho na **formação de leitores e mediadores da leitura.**” (CÂMARA RIO-GRANDENSE DO LIVRO, [201-], grifo nosso). No caso da Feira do Livro de Florianópolis, não foi encontrado documento oficial do organizador, que determinasse a finalidade ou ações das quais são responsáveis.

Na obra de Galvani (2004, *apud* SULZBACH, 2012), dentre os *slogans* resgatados por ele, de edições passadas da Feira do Livro de Porto Alegre, destaca-se, para fins de perceber a presença de frases que se entrelaçam com o incentivo à leitura em materiais gerados pela feira, os seguintes slogans, acompanhados de seus anos de lançamento: “Se o povo não vem à livraria, vamos levar a livraria ao povo” (1955); “Livro, um presente inteligente” (1978); “Ler é abrir uma janela para o mundo” (1981); “Os contadores de história estão na praça” (1985);

“Ler ou não ler, eis a questão!” (1990); “Ler é descobrir” (1999); “Ler é prazer” (2000); “Você é aquilo que você lê” (2001); “O que seria dos livros se não fosse você?” (2003); “Ler enriquece” (2008); “A maior promoção da leitura” (2010).

Observa-se que no primeiro *slogan* da feira, já em 1955, havia a intenção da feira fazer as vezes de uma livraria ou até de uma biblioteca, conforme relata Galvani (2004, *apud* SULZBACH, 2012, p. 14, grifo nosso) quando explica que o jornalista Say Marques, considerado idealizador da 1ª feira do livro, escreveu em uma manchete em um jornal da capital gaúcha com o título “A Praça da Alfândega converter-se-á em uma autêntica **biblioteca a céu aberto**.”. Diante disso, reforça-se a ideia de a feira agir como um ‘atalho’ para ir ao encontro ao livro, longe da formalidade dos ambientes fechados que são a maioria das bibliotecas ou dos ambientes possivelmente excludentes das livrarias, consideradas pela população, segundo Ferraz e Cavedon (2007), redutos elitizados de comercialização dos livros.

Por outro lado, ao efetuar o levantamento nos documentos oficiais das feiras de ações anteriormente realizadas nas feiras do livro, em especial as que tratam sobre o incentivo à leitura, constatou a inexistência de informações publicadas e, de acesso livre e virtual sobre este tema. Quanto a Feira do Livro de Florianópolis, o material é mais escasso ainda, apenas um artigo que discorre sobre a feira da capital catarinense foi encontrado e não recebemos nenhum retorno positivo, de nenhum dos órgãos relacionados a ela ao longo desta pesquisa.

Percebeu-se que a CCL, que era creditada até o ano de 2018 como realizadora da Feira do Livro de Florianópolis nos materiais de divulgação, na última edição, em 2019, já não estava presente. Bem como, não foi encontrado nenhum portal eletrônico oficial da Câmara e ao pesquisar seu endereço na internet, se encontra com o *status* de permanentemente fechado.

Em sua última edição, o Instituto Ousar leva os créditos da realização com o apoio da Prefeitura de Florianópolis e alguns de seus órgãos (FLORIANÓPOLIS, [201-]). As tentativas de contato foram realizadas primeiramente por caixa de mensagem presente no site do Instituto Ousar e por mensagem pela rede social, *Facebook*, do instituto. Ao não receber respostas, foram enviadas mensagens para uma página no *Facebook* intitulada “Feira do Livro de Florianópolis”, em dois momentos, ambas as mensagens foram visualizadas e não respondidas.

A partir disto, foram feitas ligações por telefone para os órgãos da Prefeitura de Florianópolis, como a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude, que

afirmou que as informações sobre a feira do livro deveriam ser tratadas com a Casa da Memória, esta ao ser contatada por e-mail e por telefone, disse não participar da administração da Feira e indicou a Fundação Franklin Cascaes como responsável, que, apesar de aparecer nos *flyers* da Feira como órgão que realiza apoio ao evento, ao ser contatada solicitou que voltasse a buscar informações com a Casa da Memória.

Diante de tantas negativas, não foi possível colher as informações mais precisas, como também não foi possível realizar o questionário pretendido com os organizadores, ficando a pesquisa limitada às poucas fontes de informação científicas encontradas: apenas um único artigo.

Souza e Euzébio (2009) pretendiam, em sua pesquisa, relacionar a ida de alunos de duas escolas de Florianópolis à feira do livro, nos anos 2007 e 2008, e a possibilidade destas visitas gerarem aumento da frequência de leitura destes alunos em sala de aula e na biblioteca das escolas. Segundo os autores, durante o período da pesquisa, a feira recebeu diariamente a visita de cerca de 20 escolas da cidade.

Os professores acompanhavam os alunos nestas visitas e durante a realização da feira era desenvolvido, segundo Souza e Euzébio (2009, p. 65), um “[...] programa de incentivo à leitura, como espaço para estimular o imaginário das crianças”. Dentre as atividades voltadas para o incentivo à leitura desenvolvidas na feira, os autores citam:

[...] apresentações teatrais, musicais, danças, poesias, projeções de filmes, contação de histórias, oficinas literárias e de artes, confecção de fantoches, concurso de textos, o contato com autores e a aproximação com uma grande quantidade de livros que, provavelmente, não se encontra em outro lugar, na categoria infantil; são livros coloridos, com efeitos e novidades; na literatura infanto-juvenil, há livros de aventura e de poesia entre outros (SOUZA; EUZÉBIO, 2009, p. 77)

Souza e Euzébio (2009) afirmam, ainda, a partir de entrevistas com corpo docente e funcionários das bibliotecas escolares, que ao realizar visita à feira, dá-se aos jovens alunos a possibilidade de escolherem, individualmente, o que iriam ler, demonstrando aos mesmos que o livro está presente em diversos ambientes.

Souza e Euzébio (2009, p. 77) chamam atenção, também, para atividades após a feira, realizadas pelos professores, como o ato de deixar os alunos trazerem livros que possuam em casa para a sala de aula, a criação de jogos, brincadeiras e dinâmicas, relacionando, segundo os autores “[...] as práticas desses professores e a teoria existente sobre a formação do leitor e o fomento à leitura”.

Segundo Souza e Euzébio (2009, p. 80), depois da visita à feira, os alunos:

[...] retornam mais motivados para o empréstimo de livros e para as atividades desenvolvidas na biblioteca, [...] participam de atividades fora da rotina escolar, [...] concursos da Câmara Catarinense de Livros, premiação nesses concursos e viram que alguns textos por eles produzidos na escola foram publicados no livro da Câmara Catarinense do Livro.

Os autores finalizam afirmando que a feira “[...] proporciona possíveis caminhos de estímulo ao gosto da leitura” (SOUZA; EUZÉBIO, 2009, p. 77) e que “pode-se dizer que a visita à Feira de Rua de Livros tem contribuído para o crescimento do interesse pela leitura em sala de aula e na biblioteca” (SOUZA; EUZÉBIO, 2009, p. 81).

A partir desses relatos observa-se uma relação positiva entre a feira do livro de Florianópolis e o público infantil e/ou juvenil. No caso da Feira do Livro de Porto Alegre, diversas ações referentes ao incentivo à leitura, também tem no público infantojuvenil o seu foco.

Sulzbach (2012) fez o levantamento dos espaços relacionados à leitura destinados ao público infantil e infantojuvenil, por meio de entrevistas com organizadores dos setores, na feira do livro do ano de 2011 em Porto Alegre. Dentre esses espaços, destacam-se a Biblioteca Moacyr Scliar, o Teatro Sancho Pança, QG dos Pitocos, Largo da Escrita e a área das barracas de livros infantis e juvenis, que serão aprofundados a seguir.

A Biblioteca Moacyr Scliar, antes chamada de Biblioteca do Cais, é, de acordo com Sulzbach (2012, p. 43) uma biblioteca aberta ao público, que pode ser consultada por crianças, pais, educadores e bibliotecários. Relata que, de acordo com um dos entrevistados pela autora, trata-se de uma: “[...] biblioteca cheia de espaços, luz, bem vibrante, como a gente acha que uma biblioteca tem que ser” e tem como objetivo ser uma “[...] biblioteca escolar modelo com acervo de referência em literatura infantil”.

Ainda sobre a biblioteca, Sulzbach (2012, p. 51) afirma que “[...] este ambiente é um local que mostra como é possível estar na Feira do Livro sem ter dinheiro, mas que é impossível estar lá sem se divertir e ter acesso ao livro e à leitura”.

O Teatro Sancho Pança é um teatro que tem capacidade para 500 pessoas e o seu intuito é receber autores e o público leitor, e “[...] as escolas junto com os seus

educadores e bibliotecário (quando houver) têm a missão de, ao longo do ano, desenvolver atividades de leitura da obra de um dos autores que se apresentará na feira” (SULZBACH, 2012, p. 44), fazendo com que haja interação entre os alunos, o autor e a obra lida.

O QG dos Pitocos, segundo um dos entrevistados, é “[...] um espaço das crianças em idade pré-escolar onde há, sobretudo, contações e cantações de histórias e teatro de bonecos” (SULZBACH, 2012, p. 44). Por sua vez, o Largo da Escrita é um espaço destinado às escolas, para que estas apresentem os livros produzidos e escritos pelos próprios alunos ao longo do ano.

Por fim, a área das barracas de livros Infantis e Juvenis é, desde 2005, no Cais do Porto:

Uma vez que a área infantil e juvenil estava em processo de expansão e de reconhecimento como **área vital para conquista de novos leitores**, a conquista de um novo espaço que proporcionasse o crescimento se fazia necessário. (SULZBACH, 2012, p. 47, grifo nosso)

Nesses e outros ambientes que a feira possui para receber o público infantojuvenil, são desenvolvidas atividades de incentivo à leitura, listadas por Sulzbach (2012), a saber: teatro; contação e cantação de histórias, sessões de autógrafos feitas pelos alunos escritores, incentivo à leitura prévia de obras e posterior encontro e diálogo com autores e ilustradores, formação de mediadores de leitura, concurso de contos, saraus e outras atividades.

Essas atividades e “[...] toda a programação da Feira é construída com o objetivo de conquistar a cada Feira do Livro **novos leitores** e manter os que já foram conquistados” (SULZBACH, 2012, p. 49, grifo nosso) e também, segundo um entrevistado “[...] **promover a leitura**, formar leitores, o grande objetivo da área infantil é de **formar novos leitores**”.

Na obra de Sulzbach (2012) vê-se a afirmação de um dos entrevistados, de que se tem a sensação que a feira

[...] não é apenas um evento, não apenas um evento comercial [...] Uma vez que formar um leitor passa pelo fato da escolha e esses meninos que vêm para a Feira, muitas vezes, não tem nenhum livro em casa (SULZBACH, 2012, p. 49)

E ainda, na fala de outro entrevistado:

[...] a leitura traz essa questão da cidadania, torna aquelas criança também cidadãs, também interessadas em ler e sair (da feira) lendo [...] leem na escola, leem em casa, muitas crianças levam livros para casa, para ler para os pais e isso ajuda na formação da cidadania e da sociedade como um todo, para que essa geração venha com mais possibilidades de leitura (SULZBACH, 2012, p. 50)

Durante a execução da pesquisa, para colher informações, foram realizadas trocas de *e-mails* e aplicado um questionário para a feira em que se obteve respostas, a Feira do Livro da cidade de Porto Alegre. No documento enviado de forma digital, continha sete perguntas estruturadas abertas e uma pergunta fechada, a fim de melhor traçar a relação entre o incentivo à leitura e a Feira. O questionário foi enviado para o *e-mail* oficial da CRL e para o *e-mail* de contato da assessoria de imprensa, sendo respondido por esta última em cerca de dois dias.

Entre as perguntas realizadas, perguntou-se o objetivo da Feira, a resposta da entrevistada foi em consonância com as informações encontradas nos documentos e portal eletrônico da CRL, de fomentar a leitura e possibilitar a formação de mediadores de leitura e ainda: “O trabalho com escolas, universidades e inúmeras instituições faz com que **a leitura, o livro e os programas de leitura** cheguem a todos de forma **gratuita** e sistemática.” (Entrevistada, grifo nosso).

Sobre as ações que mais se destacam na feira, além da comercialização de livros, mencionada pela entrevistada como uma consequência da feira, importante para a valorização dos livreiros e editores que com seu esforço fazem com que a Feira seja realizada todos os anos, a entrevistada menciona:

Há muitos cursos proporcionados gratuitamente a professores e formadores de leitura. Há o trabalho dos autores nas escolas, a leitura prévia de livros. O Tessituras é um curso que forma mediadores há mais de dez anos. Os programas que levam livros às escolas e as escolas à Feira, são outro exemplo. Durante a Feira também ocorre o Congresso Internacional de Biblioteconomia, entre outros. (Entrevistada)

Sobre as ações citadas pela entrevistada, pode se observar na análise da literatura referente à Feira, o registro das atividades mencionadas, como a de leitura prévia e posterior conversa com autores e/ou ilustradores (SULZBACH, 2012). Sobre o projeto Tessituras, segundo portal eletrônico da CRL, trata-se de um curso de formação de mediadores para programas de leitura, curso de extensão universitária realizado em parceria com a UFRGS (CÂMARA RIO-GRANDENSE DO LIVRO, [201-]) e sobre o Congresso Internacional de Biblioteconomia não foi encontrado nada referente na literatura ou na web.

Dentre todas as atividades realizadas na feira, o contato com os escritores se destaca, para a entrevistada, como chamariz para o público ir à feira. Porém, devido a pandemia do COVID-19, neste ano o evento não contou com o contato direto com

os escritores, por não ter acontecido em seu ambiente de costume, a Praça, “[...] se cuidou de uma programação mais coesa e costurada para que todos pudessem acompanhá-la de qualquer lugar. A Feira este ano teve mais de 440 mil visualizações.” (Entrevistada).

Quando questionada, por meio de pergunta fechada, quais ações de incentivo à leitura já foram ou são realizadas na feira do livro, a entrevistada assinalou as seguintes: Debates sobre livros e/ou clube do livro; Hora do conto e/ou contação de histórias; Mediação de leitura; Teatro; Declamação de textos e poesias; Saraus; Atividades de leitura dirigida e produção textual; Concursos de produção textual; Bibliotecas e bibliotecas itinerantes; Trocas e doações de livros; Disponibilização gratuita de e-books; Palestras temáticas sobre livros; Palestras, mesas redondas, debates com escritores; Sessões de autógrafos; Cursos e oficinas voltadas para a formação de mediadores de leitura e realização de premiações e/ou projetos que incentivam a leitura.

Por fim, a entrevistada relata que incentivar a leitura é a função principal da Feira do Livro de Porto Alegre e que ela é fundamental para isso, além de todas as ações que ela fomenta, promove o contato com os livros no próprio ambiente da feira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feiras do livro, em especial das cidades de Florianópolis e Porto Alegre, alvos desta pesquisa, são boas ferramentas para o desenvolvimento da economia livreira. Sem dúvidas, as estruturas das feiras, montadas em seus respectivos centros históricos, os preços que os livros são comercializados e a variedade de títulos chamam atenção dos clientes que por ali passam como compradores de livros, porém, de acordo com o constatado por esta pesquisadora, as feiras ganham no imaginário dos transeuntes a visão de ser mais que eventos comerciais, com as ações ali desenvolvidas.

As feiras do livro são eventos de cunho cultural e que recebem significado – pode-se dizer que até sentimental para os moradores das cidades. As feiras são eventos aguardados e quando abertos para início das atividades convidam e até convocam o público a visitá-las, acabando por se tornarem espaços que as pessoas

sentem-se bem-vindas, independentemente de seu vestuário, poder aquisitivo ou intenções de compra.

Notou-se que essas feiras, por contarem com entrada gratuita e estarem em locais públicos (praças, calçadas e espaços localizados no coração das respectivas cidades), são vistas como espaços que não possuem convenções, com acesso democratizado e que são para todas as pessoas. Apesar desta crença, averiguou-se que, no caso da Feira de Porto Alegre, existiam indivíduos que eram indesejados nestes espaços, para estes foram realizados projetos que serviam para controle das pessoas e a manutenção da ordem no evento, ou seja, os indivíduos eram aceitos socialmente enquanto seguissem o estipulado nos projetos, conforme citado anteriormente, no caso do projeto Asteróide.

Identificou-se uma relação entre o público infantil e juvenil, as escolas e as feiras. Ambas as feiras demonstram ter visitas de escolas e os professores, bibliotecários e os próprios organizadores da feira utilizam espaços do evento para desenvolverem atividades que tem como foco o público em questão – incentivar o contato com livros, com o ato de ler, com bons hábitos com relação às leituras. E, é claro, o viés econômico para os expositores.

Respondendo o objetivo geral da pesquisa “*averiguar, em mídias impressas e digitais, se há presença de ações sobre incentivo à leitura nos relatos e discursos sobre as feiras do livro das cidades de Florianópolis e de Porto Alegre*”, foi concluído que é bastante forte o discurso do incentivo à leitura nas feiras e que diversas ações sobre o assunto são realizadas nas mesmas, porém, pouco foi encontrado em documentos oficiais das feiras e poucas ações eram detalhadas a fundo, e por vezes, apenas tinham seus nomes citados e não eram descritas em suas totalidades.

Sobre os objetivos específicos, a) *Relacionar letramento e leitura e as ações de incentivo à leitura*: percebeu-se que após a alfabetização, a leitura recorrente pode auxiliar e acrescentar no desenvolvimento do letramento, fazendo com que o indivíduo torne-se letrado, construindo novos conhecimentos e pensamentos a partir daí e utilizando-os em seus âmbitos sociais. Sobre o objetivos b) *Publicitar o histórico das Feiras do Livro de Florianópolis e Porto Alegre* e o c) *Identificar as ações presentes nas feiras de Porto Alegre e Florianópolis*”: houve dificuldades em obter informações sobre o histórico da Feira do Livro de Florianópolis, por ter um número limitado de publicações e conteúdo na *web* que discorriam sobre o mesmo,

como também se teve dificuldade de identificar de forma mais completa as ações de incentivo à leitura presentes nas feiras, em especial na Feira do Livro de Florianópolis, pois não foi possível estabelecer contato com seus organizadores e por consequência, esta não respondeu o questionário que seria aplicado para ambas as feiras.

Percebeu-se, em comparação com a Feira do Livro de Porto Alegre, que a feira da capital catarinense não possui um agente dedicado ao longo do ano a realização do evento, tampouco um agente em que se centralize meios de contato para os interessados saberem informações sobre a feira, como o histórico da criação da feira, os conteúdos produzidos por ela e os dados de edições passadas.

Diversos órgãos governamentais são citados como apoiadores do evento, porém, quando contatados afirmaram não responder sobre a feira. O Instituto Ousar, creditado como responsável pela realização do último evento (2019), não possui descrição do seu viés de atuação, organograma ou descrição de atividades das quais é responsável.

Diante disso, percebeu-se nesta pesquisa que, apesar da Feira do Livro de Florianópolis estar inserida em uma das capitais do país, ter atrativos e importância cultural e educacional e ser apreciado pelo público em geral, podendo desenvolver inúmeras ações para o estímulo da leitura, carece de um organizador, de uma oficialização entre as instituições responsáveis, como a Prefeitura, a Secretarias de Educação e Cultura e demais órgãos da área, que valorize a Feira do Livro para se tornar um evento do porte e importância que é a Feira do Livro de Porto Alegre e outros eventos dedicados ao livro encontrados no âmbito estadual e nacional, para isto é necessário a atuação dos órgãos da prefeitura em parceria com escolas, bibliotecários, profissionais dedicados e demais empresas que estiverem dispostas a engrandecer este evento.

Por fim, concluiu-se que as feiras têm papel fundamental na propagação do gosto pela leitura, no incentivo à leitura e na democratização do acesso ao livro, pelo fato de, além de todas as ações de incentivo realizadas nas feiras, descritas neste artigo, trazerem o livro para o horizonte das cidades nas quais estão inseridas, colocando os livros em espaços tão comuns para a sociedade – as praças e calçadões dos centros urbanos, tornando o acesso fácil e popular.

Destaca-se, também, a atuação dos organizadores da Feira do Livro de Porto Alegre, que mesmo no ano de 2020, em que tivemos a pandemia mundial da

COVID-19, mantiveram o acontecimento do tradicional evento realizado todos os anos nos meses de outubro e novembro na Praça da Alfândega, agora de forma virtual, por meio do portal eletrônico adaptado para as necessidades do evento no novo formato.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da ciência da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

BARRETO, Maria Iraides da Silva. **Um sarau literário no semiárido baiano: formação e desenvolvimento de leitores**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá/PR, 2010. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4314/1/000184659.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a Ciência da Informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, jan./jun. 2008. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_11e4ab9985_0008550.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

BRASIL. **Estatuto da Câmara Rio-Grandense do Livro**. Porto Alegre: 2014. Disponível em: <http://camaradolivro.com.br/sobre/our-campus/>. Acesso em: 15 set. 2020.

BRASIL. Ministérios da Cultura e da Educação. **Caderno do PNLL**: edição atualizada e revisada 2014. Brasília: 2014. 39 p. Disponível em: http://antigo.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660. Acesso em: 14 jun. 2019.

CÂMARA RIO-GRANDENSE DO LIVRO. **História da feira do livro**. Porto Alegre: [s.n.], [201-]. Disponível em: <http://camaradolivro.com.br/sobre/history/>. Acesso em: 17 set. 2020.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CONCEIÇÃO, Marcelo José Rodrigues da. **E no meio do caminho tinha uma biblioteca**: relevância da biblioteca na formação do hábito de leitura e o projeto clube do livro, perspectivas de letramento. Relatório Científico (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UNB. Brasília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/36724/1/2019_MarceloJos%c3%a9%c2%a0RodriguesdaConcei%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

ESPEIORIN, Vania Marta. **Educação pelo poético**: a poesia na formação da criança. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/RS, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/494/Dissertacao%20Vania%20Marta%20Espeiorin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 nov. 2020.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro2-org-br.umbler.net/wp-content/uploads/2020/07/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 16 dez. 2020.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva; CAVEDON, Neusa Rolita. **A feira do livro da gente; da chuva, do cheiro de pipoca doce, do xerife**: a cultura organizacional da feira do livro de Porto Alegre. *In*: XXXI ENCONTRO DA ANPAD. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/33/EOR-A680.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva. **Livros em festa**: a cultura organizacional da feira do livro de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7246>. Acesso em: 20 out. 2020.

FISCHER, Luís Augusto. **50 anos de feira do livro**: vida cultural em Porto Alegre, 1954-2004. Porto Alegre: L&PM, 2004.

FLORIANÓPOLIS. CÂMARA CATARINENSE DO LIVRO. **33º Feira do Livro de Florianópolis**. Florianópolis: [s.n.], [201-]. Disponível em: <http://floripafeiradolivro.blogspot.com/2017/10/vem-ai.html>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 1988.

GALVANI, Walter. **A feira da gente**: feira do livro de Porto Alegre 50 anos. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos estados e dos municípios brasileiros**: cultura: 2014 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 106 p. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **A 5ª edição da retratos da leitura no Brasil**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 15 set. 2020.

KAMA, Ana Flávia Lucas de Faria. **Livros, bibliotecas universitárias e livros eletrônicos: aspectos e consequências de um novo suporte da escrita**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação. Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21174/1/2016_AnaFlaviaLucasdeFariaKama.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

MARTINS, Maria Helena Franco. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

MOURA, Nelson Rolim de (Org.). **A maioria da Feira: 21 anos da Feira do Livro de Florianópolis**. Florianópolis: Câmara Catarinense do Livro, 2006. 155 p.

MUNIZ JUNIOR, José de Souza; SZPILBARG, Daniela. Edição e tradução, entre a cultura e a política: Argentina e Brasil na feira do livro de Frankfurt. **Sociedade e Estado**, [s.l.], v. 31, n. 3, p. 671-692, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016.00030006>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n3/0102-6992-se-31-03-00671.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PAIVA, Talita de Cássia Lima. O papel da biblioteca escolar na alfabetização e no letramento infantil. **R. Bibliomar**, São Luís, v.19, n. 1, p. 27-37, jan./jun. 2020.

PEREIRA Fábio de Oliveira. **Biblioteca itinerante: quando o cidadão não vai à biblioteca, a biblioteca vai até o cidadão**. Monografia (Bracharelado) – Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26934/1/2010_tcc_fopereira.pdf. Acesso em: 30 nov. 2020.

PORTO ALEGRE. CÂMARA RIO-GRANDENSE DO LIVRO. **Acompanhe a Feira**. Porto Alegre: [s.n.], 2020. Disponível em: <https://feiradolivropoa.com.br/acompanhefeira/>. Acesso em: 30 out. 2020.

PORTO ALEGRE. CÂMARA RIO-GRANDENSE DO LIVRO. **A Feira**. Porto Alegre: [s.n.], [201-]. Disponível em: <http://www.feiradolivro-poa.com.br/a-feira/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. O livro infantil e a formação do leitor. Petrópolis: Vozes, 1996.

PUPO, Deise Tallarico. **Acessibilidade em bibliotecas**: outras possibilidades de atuação dos bibliotecários frente aos novos formatos de livros. *In*: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, Anais Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: http://repositorio.febab.libertar.org/files/original/48/4983/SNBU2010_026.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias**: um caminho para a formação de leitores. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Londrina/PR, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000166180>. Acesso em: 30 nov. 2020.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Marília/SP, 2013. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93717/rasteli_a_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 nov. 2020.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A feira de livros a partir de narrativas orais: uma experiência simbólica na cultura informacional do Rio de Janeiro. **R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 168-193, mar./ago. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/140617>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SOUZA, Francisco das Chagas de; EUZÉBIO, Maria Prazeres. A feira de rua de livros de Florianópolis como ambiente estimulador da leitura na escola. **Informação & Informação**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 62-83, jul./dez. 2009. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2009v14n2p62>. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/46281>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SULZBACH, Aline de Fraga. **Feira do Livro de Porto Alegre**: como espaço de incentivo à leitura na construção da cidadania infantil. Porto Alegre: 2012. 61 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/54317>. Acesso em: 20 out. 2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Este questionário destina-se a colher informações sobre as feiras do livro e a sua relação com o incentivo à leitura. Os resultados obtidos serão utilizados para fins estritamente acadêmicos e serão parte integrante da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Biblioteconomia, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulado: “FEIRA DO LIVRO: identificando relações com o incentivo à leitura nas Feiras do Livro de Florianópolis e de Porto Alegre” de autoria da graduanda Marina Trindade Bitencourt Teixeira e orientação da Profa. Dra. Gleisy Regina Borjes Fachin. O objetivo da pesquisa é *averiguar, em mídias impressas e digitais, se há presença de ações sobre incentivo à leitura nos relatos e discursos sobre as feiras do livro das cidades de Florianópolis e de Porto Alegre.*

Não há respostas certas ou erradas, o questionário pretende colher informações que auxiliarão na pesquisa, complementando as informações levantadas nas pesquisas *on-line*.

a) Em relação à Feira o Livro de Porto Alegre:

1. Desde quando a Câmara Rio-Grandense do Livro faz a gestão da Feira do Livro de Porto Alegre?
2. Qual é a função/papel da Feira do Livro? Tanto para as pessoas, como para a cidade/instituição?
3. A existência da feira promove, proporciona e transforma a população da cidade em indivíduos leitores?
4. Quais ações, promovidas pela feira, mais se destacam, além da venda de livros?
5. Qual ação vocês consideram como o “chamariz” do público para a feira do livro?
6. Acham importante promover o incentivo à leitura?
7. É possível afirmar que a feira do livro é **um modo** de incentivar a leitura?

b) Assinale as ações que já foram ou são realizadas na feira do livro:

- () Debates sobre livros/Clube do livro
- () Hora do conto/Contação de histórias
- () Mediação de leitura
- () Teatro
- () Declamação de textos, poesias, outros.
- () Saraus
- () Salas de leitura, espaços para leitura individual/livre
- () Leitura dirigida e produção textual
- () Concursos de produção textual
- () Bibliotecas
- () Bibliotecas itinerantes
- () Empréstimos de livros
- () Trocas de livros
- () Doações de livros
- () Disponibilização gratuita de *e-books*
- () Palestras temáticas sobre livros

- () Palestras, mesas redondas, debates com escritores
- () Sessões de autógrafos
- () Cursos e oficinas voltadas para a formação de mediadores de leitura
- () Sorteio de livros
- () Prêmios/projetos que incentivam a leitura
- () Investimentos/apoio à publicação de livros